

DOUTORAMENTO «HONORIS CAUSA»
DO EMBAIXADOR AUGUSTO DE CASTRO
SAMPAIO CÔRTE-REAL

A Faculdade de Letras da Universidade do Porto conferiu o grau de doutor honoris causa ao escritor e diplomata excelentíssimo senhor Augusto de Castro Sampaio Côrte-Real, natural desta cidade. A cerimónia da imposição das insígnias decorreu, no dia 20 de Dezembro de 1969, no salão nobre da Faculdade de Ciências, que serve, habitualmente, como sala dos actos grandes da Universidade do Porto, de acordo com uma tradição estabelecida pela escola superior que a antecedeu, a antiga e prestigiosa Academia Politécnica.

O cortejo dos doutores das faculdades desfilou da sala do conselho escolar da Faculdade de Ciências para o salão nobre, ocupando aí lugares destacados as autoridades locais e muitas outras individualidades convidadas para o acto. O doutorando, revestido já de capelo sobre a capa e batina, era acompanhado pelo seu apresentante, o excelentíssimo senhor Alberto Marciano Gorjão Franco Nogueira. A borla doutoral destinada à cerimónia da imposição era transportada, sobre uma pasta com fitas, pela finalista do Curso de História Elvira Cunha Azevedo Silva.

Antes de iniciada a cerimónia, o Coral da Faculdade de Letras, dirigido pelo licenciando José Luís Borges Coelho, interpretou um trecho de Bach, seguindo-se a leitura, pelo secretário da Universidade, do diploma de concessão do grau de doutor honoris causa.

Os elogios do doutorando e do seu apresentante foram proferidos pelos professores Doutor António Augusto Ferreira da Cruz e Doutor Eduardo Silvério Abranches de Soveral. O Reitor da Universidade, professor Doutor António de Sousa Pereira, procedeu, após a petição em latim da parte do doutorando, à imposição das insígnias: o barrete de borla,

o livro e o anel de safira. O novo doutor proferiu, então, palavras de agradecimento. Terminado o seu discurso e aproximando-se das tribunas dos professores catedráticos, saudou-os com uma vénia.

A noite, no Lar Universitário do Infante D. Henrique, o Reitor da Universidade ofereceu um jantar em honra do Doutor Augusto de Castro, a quem saudou, na altura dos brindes, com palavras de improviso. O homenageado, testemunhando o seu reconhecimento, proferiu, então o discurso que vai publicado adiante.

DISCURSO DO DOUTOR ANTÓNIO AUGUSTO FERREIRA DA CRUZ, NO ACTO DO DOUTORAMENTO

Magnífico Reitor
Sapientes Doutores e Mestres
Senhores Estudantes
Senhoras e Senhores

É uma nobre figura de portuense, Magnífico Reitor, quem hoje vai ser decorado com as insígnias do grau maior conferido pela Faculdade de Letras, ingressando assim no claustro dos doutores da Universidade do Porto. Nobre figura e a todos os títulos: na cultura que o exorna, no poder de expressão que o individualiza, na capacidade de penetração, no juízo sereno que sempre o habilitou a avaliar os homens na sua real medida, em toda a obra que leva o seu nome e que é o primeiro monumento a imortalizá-lo. Bastaria citar-lhe o mesmo nome, para que ficasse dispensado o louvor que os costumes prescrevem e o velho Estatuto impõe, quando de um acto magno como este.

Nobre figura, a do Senhor Embaixador Augusto de Castro Sampaio Corte-Real: todavia, sendo-o de nascimento, mais o tem sido na diuturna vivência das estremadas qualidades que lhe são particulares. Não será chamado a este lugar nem o diplomata com assinalados serviços prestados ao seu País, nem o jornalista insigne e inconfundível, nem o escritor

de consagração rediviva em cada um dos seus livros: tão só o intelectual com outras particularidades a impo-lo, para além de todas essas. Tão só o natural do Porto, o portuense ilustre que ele é.

O Porto é amigo fiel, é uma cidade que não perdeu ainda o seu carácter. Fez-se, cresceu, enobreceu-se pelas suas fecundas virtudes burguesas, mantém-se apegado às mesmas virtudes que o fizeram próspero e invejado. Por estas ou semelhantes palavras, assim debuxava Augusto de Castro — e já vão decorridos sessenta anos — a sua terra natal, assim a definia, arrancando de qualidades que eram próprias dos portuenses. Para logo adiantar que todo o natural ou morador do Porto, com o apego ao negócio e ao dinheiro, mantinha a «sem-cerimónia hospitaleira, a mesma rudeza na honra, os mesmos hábitos madrugadores».

Por certo que nem a cidade, nem os seus moradores, exibem estragos de maior, quando os vamos aferir, no que toca às qualidades enunciadas, pelo debuxo de há sessenta anos. O apego ao dinheiro teria de ser definido agora, sem dúvida, mais de acordo com as linhas de rumo actuais. E assim também uma natural inclinação para o trato, sempre a impor-se em cada época da história da cidade e a partir dos tempos mais recuados. Todavia, mantém-se a mesma sem-cerimónia hospitaleira, é ainda a de outrora a rudeza na honra. E o Porto, sempre amigo fiel para quantos o estimam, recebendo-os no gesto franco dos abraços abertos, é mais sensível, se possível, à dedicação daqueles que na cidade nasceram ou nela se criaram para a vida. Nestas singelas palavras fica a legenda apropriada do acto solene de hoje.

Chamando a si uma delegação da cidade que tem direito a reivindicar, é a sua Escola superior que decora com os louros da sapiência um portuense ilustre. A mesma Escola a criaram, vai em mais de dois séculos, portuenses também ilustres desse tempo, no declarado propósito de se professarem aqui estudos de natureza técnica e logo outros, mais de pendor humanístico, a somarem-se aos primeiros, poucos anos decorridos. Não esquecer, então, a cidade, uma tradição que remontava a tempos da Meia Idade, quando o seu Município contribuía para que letrados seguissem os seus

estudos em Oxónia ou noutros claustros afamados do tempo. Não esquecerá nem as aulas de Latinidade ou de Filosofia, também subsidiadas pela Câmara, nem cursos regulares mantidos, ainda a suas expensas, por algumas ordens religiosas. E sempre a lembrar quanto deve à cidade, a sua Escola superior dos tempos modernos só pode manifestar-se grata no testemunho oferecido por um acto como este. De seguro que não é saldada uma dívida, mas cumpre-se um dever. E a Escola afirma-se verdadeiramente integrada no seu tempo e no seu meio.

O homem do Porto, ao deixá-la, sempre levou consigo a imagem da terra natal, embrulhada na saudade. Ela é viático e estímulo, nas andanças pelos continentes: e lá ficou, no Portugal novo de além-Atântico, essa imagem da terra natal que para aí transplantou o portuense, nas majestosas fachadas barrocas dos templos e nas talhas opulentas dos seus altares, como nas cantarias, nos beirais, nas sacadas ou alpendres dos sobrados de tantas cidades brasileiras. Quando regressado à terra natal, o portuense trouxe consigo outra imagem e outra saudade. São duas agora as suas terras: quando se afasta de uma delas, bem aspira o portuense a não perder de todo a lembrança da outra. Será este, no juízo a que conduz um raciocínio aceitável, o sinal de um ecumenismo a que se adapta e logo vem a sujeitar-se, no verdadeiro sentido católico, o português de qualquer idade. Para nós e pelo que diz respeito ao caso particular do portuense, tal é e apenas a sua maneira de ser e de se integrar no mundo: homem convivente, de rasgado horizonte, mas nem por isso, em dia algum, desenraizado, pelo que toca à terra natal. Acenam-nos dali de fora, da praça fronteira, os ramos das palmeiras altas que se projectam sobre a fachada nasoniana da igreja dos Carmelitas e aquela moradia setecentista, erguida à escala humana, que lhe fica à ilharga. Palmeiras a perfurar o céu, igreja barroca e moradia assobradada a completar o quadro vivo. Aqui é o Porto ou estamos na Baía?

Interrogação deste jeito só é possível quando fundamentada naquela capacidade tão singular do homem do Porto que o leva a repartir-se pelo mundo, repartindo consigo retalhos da terra natal. O homem que foi ao Brasil e de lá

regressou, o homem, esse portuense chamado Silva Porto, que foi à África e a rasgou nos mistérios do seu interior, o homem, esse portuense chamado Tomé Lopes, que foi à Índia e trouxe de lá o primeiro, e bem completo, e bem pormenorizado testemunho escrito de outras terras, de outras gentes, de uma civilização diferente da nossa. E também o homem que por lá deixou os seus ossos, depois de evangelizar, de comerciar, de conviver. O mesmo homem, finda a gesta dos descobrimentos e da expansão, que se deu a conhecer outros países, outros costumes, outras escolas, outras correntes literárias ou artísticas. O mesmo homem que é o pensador, o escritor do nosso tempo, alçado à posição que conquistou, a golpes de talento e braçadas largas no mar da vida, para nela erguer, sobre a forte vontade e a inteligência que o distingue, o monumento imperecível da sua obra literária. O mesmo homem que é o doutorando de hoje, na plenitude do seu espírito de eleição e na expressão ímpar do seu labor intelectual.

Quem inclinado ao estudo do homem do Porto em todo o seu gesto que arranque do íntimo, e logo aí a expressão a casar-se com o sentimento, não pode furtar-se à lei permanente do espaço e do tempo: essa lei que decorre da reflexão a que conduz o exame do evoluir do burgo velho, quanto a exhibir-se em cada época e sempre em todo o sítio que a cidade foi abraçando nos seus limites. E então, para cada época e em qualquer idade, surpresa das maiores e para os menos cultivados na matéria, será esta: o homem do Porto não foi apenas mercador, nem mesteiral, nem mareante... De velhos tempos, como já ensinava o sábio portuense João Pedro Ribeiro, foi costume agermanar-se aqui o homem do trato com o homem das letras: e lá referia o grande diplomata, muito a propósito, o caso daquele Vasco de Sousa que em 1359, com as suas naus e mercadorias, também contava, na fazenda inventariada por sua morte, um razoável número de códices de pergaminho.

Nasceu e cresceu o burgo, séculos em fora, ao favor de circunstâncias várias. O burgo do tempo histórico, fundamentado nos textos diplomáticos e outros, que não o povoado primevo que lhe foi origem. O burgo que irrompeu

à sombra da lei reguladora da fixação do homem determinada pelo condicionalismo geográfico.

Amuralhado, para sua defesa, numa área restrita, correndo a cerca em derredor do alto da Penaventosa, bem depressa a povoação medieval foi também alcandorar-se noutra eminência fronteira e daí desceu até ao *rio da vila*. Toda a população fixada aí, para além do primeiro muro, também carecia de abrigo contra invasão inesperada ou malefícios de ocasião: e logo, séculos após, outro muro se ergueu, porém este a abranger também terras de lavoura e arvoredos, dispostas em plataformas e a treparem até aos Olivais que ficavam no alto.

Corre paralela ao crescimento urbano a própria evolução literária da cidade. Bem o pressentimos, de toda a vez que vamos unhar velhos textos, éditos ou inéditos, para aí colher segura notícia do lugar de nascimento dos escritores do Porto, do sítio por onde eles se criaram nos tempos descuidados da infância. Bem o reconhecemos, ao depois, na lição oferecida pela obra dos mesmos escritores. Com isto e a partir daqui, intuimos que algum dia se possa dissertar, de ciência certa, sobre uma corografia literária do Porto — e então em ordem a urdir, de anotações ou reflexões, a teia de uma panorâmica susceptível de nos ajudar a compreender quanto o escritor, e não apenas o do Porto, jamais consegue, ainda que apostado em fazê-lo, desenraizar-se da terra natal, nem despojar-se dos bens que lhe foram ofertados no convívio da sua infância.

Da sua idade e do seu meio, deixaram testemunho um Pero Vaz de Caminha e um Diogo Brandão: os dois, homens de buliçosa Rua Nova, afeiçoados ao estilo de vida dos burgueses que eram, a um tempo, mercadores e mareantes. Despertos, um e outro, para curiosidades não pressentidas da parte de cronistas ou poetas velhos: bem o denota o primeiro na *Carta do achamento do Brasil*, assás o revela, o segundo, nas poesias suas antologiadadas por Garcia de Resende no *Cancioneiro Geral*. Homens da Rua Nova: escritores, em seus dias, de arca do peito dilatada pela brisa da maresia, de olhos afeiçoados aos verdes prados e florestas das arribas do Douro, de ouvidos embalados pelo tilintar de moedas. Homens do seu tempo: integrados na época e ajudando a

ergue-la à altura da qualidade requerida para a sua integração na história da nossa cultura. Tempos depois, outros, como eles, viveram novos dias, outros costumes, adaptados a outras exigências. São ainda, alguns deles, da Rua Nova, os outros construíram moradias na Rua de Santa Catarina das Flores ou treparam as encostas de Belmonte. O fidalgo João Rodrigues de Sá apura o gosto nas suas andanças pelo velho Lácio, um Pero da Cunha conquista a cátedra no romano Colégio de Sapiência, um Belchior Beleago, depois de ler no parisiense Colégio de Santa Bárbara, é chamado ao magistério no Colégio das Artes de Coimbra. Tempos novos, outras as correntes dominantes, desperta uma inspiração ainda não pressentida nos dias passados. E escreve, então, o seu *Espelho de Casados*, o Doutor João de Barros, culto humanista — e que foi, presumivelmente, o primeiro a enriquecer o nosso léxico com este novo vocábulo, tão expressivo e rigorosamente adequado a uma evolução. *Humanista*: homem de letras, homem de ciência, homem de reflexão, homem convivente, preocupado tão só, em qualquer das situações, com o conhecimento do pouco ou muito que ajuda a conhecer outros homens, para adquirir, assim, melhor conhecimento de si próprio. E humanistas como o Doutor João de Barros foram-no Diogo Pereira Brandão, autor da *Elegiada*, Francisco Sá de Meneses, com o seu poema *Malaca Conquistada*, Pedro Andrade Caminha, Simão de Vasconcelos, uma teoria avultada de poetas e prosadores. Também o foi, no distrito da sua actividade intelectual, emparceirada com a condição de mercador, um Bento Fernandes, ao reduzir a regras e tabelas o seu *Tratado de arte da arismética*. E nem sequer faltou um filósofo, quando na corografia literária do Porto se integrava um escol com berço ou moradia na rua manuelina das Flores, na encosta de Belmonte ou no alto dos Olivais: aí nasceu, por aí se criou o desditoso Gabriel da Costa, que depois de graduado pela Universidade e transferido a Amesterdão, lá mudou o seu nome próprio, vindo a ser o Uriel da Costa vergado pelo desespero da dúvida e enxovalhado e açoitado na sinagoga...

Na prostação a que parecia condenar-nos o domínio estranho, pelos começos de Seiscentos, lampejam ainda sinais de vida literária. Cronistas repousados, como Simão de Vas-

concelos e Frei Manuel da Esperança, legam textos de sabor clássico, na pureza da sua forma e na riqueza da informação que neles se contém. Opulentos de estilo e obras a que deixam o seu nome acepilhado, são-no o Doutor António de Sousa Macedo, do Porto natural, e Manuel de Faria e Sousa, criado nesta cidade para o labor intelectual. O burgo desbordara já, e muito, para além da cerca fernandina: corria ao longo das estradas de penetração lançadas para o interior e descia às margens do rio, nos areais de Miragaia e de Massarelos. Chegavam de lá os ecos barrocos da poesia de João Sucarelo Claramonte, de Tomé Tavares Carneiro e de outros metrificadores satíricos do seu tempo. O Porto não vivia alheado do gosto da época: aí está a denotá-lo o testemunho oferecido pelos dois cancioneiros barrocos da *Fénix Renascida* e do *Postilhão de Apolo*.

Ainda em Miragaia, ainda em Massarelos, a corografia literária do Porto é balizada, em pleno século dezoito, por dois outros poetas: Tomás António Gonzaga e António Ribeiro dos Santos. No alto do Calvário, quando a centúria ia finda, nasce Almeida Garrett. Em moradia bem perto do rio, cerca de S. Nicolau, nasce Júlio Dinis. Depois de haver estancado nas quintas do Castelo e do Sardão, viveu o primeiro, na sua infância, ao sítio da Boavista, por se haver fixado aí a família. Afeiçãoou-se o segundo, quando desperto para o labor das letras, ao Campo Alegre e às «famílias inglesas» do sítio. Dilatara-se o limite da cidade e, com ele, alterava-se o conjunto de quadros inseridos na sua corografia literária.

Ao raiar o nosso século, era no Mirante que morava um escritor novo — companheiro de outros escritores portuenses nascidos em Santa Catarina, tal o caso de António Nobre, ou em Miragaia, como António Patrício ou Agostinho de Campos. Morava no Mirante, ainda jovem, o nosso doutorando de hoje: ali, onde o urbano se acasalava com o rústico. Meia dúzia de passos, medidos pelo caminho das Oliveiras, da Conceição, da Picaria — ei-lo na Praça Nova, no festejado campo das Hortas setecentistas do poeta Abade de Jazente, no *àgora* cidadão onde se cruzavam devaneios e matizavam tendências literárias ou políticas. Voltando, do alto do Mirante, os olhos ao poente, eram os campos de Cedofeita que compunham quadro opulento, com o mar ao

longe, num aceno de simpatia e de convite para o jornadas dos continentes... A criação da natureza e a obra do homem podiam ser apercebidas num relance, do alto do Mirante. Era o mais dilatado o horizonte físico, a mais ampla a possibilidade de interrogar. Ditava a natureza, além, a sua lei, exibindo-se na opulência dos seus quadros. Ensinava o homem, paralelamente, e da sua banda, no rasgar de caminhos e ao erguer moradias, quanto lhe era possível dominar a própria natureza. Apercebendo-se desta luta, analisando-a no dia-a-dia da contemplação, o jovem escritor colhia lição de proveito: ali se traçava o seu destino.

Havia de percorrer novas terras, como tantos dos escritores dos seus conterrâneos de épocas bem diferenciadas, já apartados no condicionalismo da corografia literária da cidade, já nos destinos a que os levaram a sua formação ou a sua ocupação. Porém, ao fazê-lo, era já portador de uma fundamentada experiência e de toda a intuição que dela decorria. Era bem um escritor portuense.

A maturação de base propiciadora da análise do homem e do seu tempo, essa pode o ensaísta atingi-la pela via da experiência colhida no decurso dos anos que for somando. Será assim para o comum dos homens inclinados ao estudo e reflexão: virá tão só a distingui-los uns dos outros, apartando-os, o tempo que demorou a conquista do mesmo conhecimento adquirido através da experiência. E então a variedade afere-se logo pela escala da capacidade de cada homem. Mas se para muitos, e dessa maneira, vem a impor-se, em ordem à revelação dos seus méritos próprios, toda uma estrutura architectada a partir do pensamento alheio, para outros, e esses raros, será de raiz ou inspiração carismática o seu labor: mal despertos para a vida, ei-los a caminhar sem apoio do bordão alheio, pisando a terra na cadência dos eleitos e sempre de olhos volvidos para um horizonte que não é limite à sua aspiração, nem à sua inspiração.

Labor, o desses eleitos, queremos repeti-lo, de raiz ou inspiração carismática: há-de reconhecê-lo quem se der a meditar um pouco sobre o caso literário, sobre o exemplo de um intelectual cultivado e esclarecido, hoje e aqui o primeiro entre os seus pares, que conquistou posição e congregou admira-

dores muito antes de deixar os bancos da escola e de abandonar o embalo da Coimbra feiticeira. No fraterno convívio neo-garrettiano, esse intelectual, quando escolar da *Alma Mater* conimbrigense, viu refinados e sublimados sentimentos que já lhe eram próprios, a partir da inspiração que decorria da sua condição e do meio onde nasceu e foi criado. Como ele, muitos dos maiores escritores do seu tempo, dos mais reverenciados, também haviam nascido no Porto ou vivido aqui. Como ele, outros se afirmavam portadores de um carisma igual ao seu. Integravam-se, porém, numa geração anterior: dela o apartava já a idade, já a particularidade, cumpre acentuar, de ter começado a sua carreira num tempo anterior ao de tal convívio. Era o eleito por excelência, quando ainda não contava, sequer, o número de anos requerido para a maioria estabelecida na lei velha.

Sabiam-no já, os do seu tempo, um burilador de pequenas crónicas onde, pelo que tange ao estilo, sempre se aliançava a palavra à intenção. Sabiam-no enfabulador de histórias ao jeito dos folhetinistas da época e ao gosto dos leitores das gazetas. Sabiam-no possuído também de capacidade bastante para redigir, em tom grave, as primeiras colunas de um periódico. E talvez um ou outro dos seus contemporâneos previsse, desde logo, que esse eleito, graças à capacidade de penetração que afirmava, já em relação aos sucessos do dia-a-dia, já no que tocava mais de parte com os homens deles participantes, carregava materiais para a História, abrindo caminho para a interpretação de uma época.

Logo aí e por tal forma, o nosso doutorando de hoje era um historiador: a sagesa de eleito permitiu-lhe antecipar-se a quantos, hoje em dia, não cuidam de somar miudezas a inserir na estruturação cronológica e factual da caminhada do homem, preferindo-lhe uma pesquisa mais afeiçoada ao comportamento do próprio homem no seu meio e no seu tempo. E também, esse eleito, aprendiz de filósofo: se-lo-á sempre todo aquele que não julga o semelhante apenas pelo gesto exterior, pela aparência, mas sim no seu íntimo, na origem da acção que vem a distingui-lo. Muito mais seria, por esse tempo, quem afoitamente reagisse contra a «sonolência da indigestão positivista», de que falava um Mestre coimbrão, fazendo-o sem a «rebuscada obscuridade das palavras». E tam-

bém — e sobretudo — o cultor por excelência da língua pátria, permanentemente ao serviço da sua renovação, do enriquecimento do léxico, sem descuidos que comprometam a sua pureza. Sobram qualidades ao doutorando, concedendo-lhe pleno direito à láurea que hoje lhe é conferida.

Magnífico Reitor

Como se não fora suficiente, como se não bastasse e sobrasse o mérito que lhe é próprio, apresenta-se o doutorando, neste acto magno, acompanhado de patrono também merecedor de toda a honra e louvor: tanto decorre da firme e destacada posição que conquistou, pelo seu pensamento e pelos seus actos, no Mundo agitado e desconcertado dos nossos dias. Não é apenas um estadista que serviu com dedicação e sacrifício o País, lutando pela liberdade e pela integridade de Portugal: por imposições dessa luta, foi sempre o chanceler atento ao encadeamento dos sucessos e também sempre oportuno, quanto eficiente, na intervenção ou na resolução que os mesmos sucessos implicavam. Digamos apenas que foi, que é um grande português dos nossos dias. Revertendo ao puro significado da palavra e à riqueza do seu conteúdo, reconhecemos também que o Excelentíssimo Senhor Embaixador Franco Nogueira é um grande e esclarecido patriota, quanto escritor e crítico de atenção desperta para todo o aspecto da evolução de literatura contemporânea.

Um diplomata e escritor dos maiores da sua geração é apresentado neste acto magno por outro diplomata dos maiores de geração actual e também ele escritor. Permanecem aliançadas, nos dois, a Diplomacia e as Letras, e mantém-se, desta maneira, uma tradição que remonta às lutas sustentadas nas cortes estrangeiras a partir da Restauração.

Magnífico Reitor

A coroa de louros reservada aos eleitos, tão cara dos heróis e dos sábios, tão própria do homem que se cultiva por esforço próprio ou ao favor do convívio com outros homens eminentes, essa foi de há muito entretecida em honra

e louvor do doutorando. Compõem-na, em todas as folhas reverdecidas, as cátedras de que é titular nas Academias, os prémios que sobem no seu valor e expressivo significado à medida em que mais ambicionados são, as distinções que assinalam os mais altos serviços prestados à Pátria e à causa do Ocidente e da Latinidade.

Coroados de louros, que mais podia a nossa Escola ofertar ao doutorando, quando hoje o recebe no seu colégio doutoral? Distinguido como raros o foram, que mais cumpriria dizer aqui, como acrescentar uma só palavra ainda não ouvida, se fora da nossa intenção encarecer seus méritos? Tentar fazê-lo era cair no feio pecado de procurar colher proveito da fama alheia: seria louvar, para, quem o fizesse, vir a exhibir-se no mesmo louvor.

A Escola, desta vez, não distingue alguém — e sempre merecidamente o faz! — com honrarias que ainda o não exornam. A Escola, desta vez, mais não deseja do que ver enriquecido o seu próprio claustro, integrando nele um portuense ilustre.

Ensinam os estatutos velhos da Universidade que o «grau de Doutor é a última e a maior honra» que a mesma Universidade se reserva o direito de conferir. E logo acrescentam que o mesmo grau, por assim convir, não seja negado «a quem o tiver justamente merecido». Justamente o mereceu o Senhor Embaixador Augusto de Castro. Por acto de justiça, dignai-vos, Magnífico Reitor, conferir-lhe o mais alto grau da nossa Escola.

DISCURSO DO DOUTOR EDUARDO SILVÉRIO ABRANCHES DE SOVERAL NO ACTO DO DOUTORAMENTO

Nada poderei acrescentar quanto à apreciação dos méritos do senhor embaixador Augusto de Castro, nem quanto ao sentimento da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, ao galardoar esses méritos com a mais alta distinção que está em seu poder atribuir.

Com efeito, o decano dos Doutores da mesma Faculdade acaba de traçar, com rara penetração, o perfil intelectual

da ilustre personalidade agora solenemente recebida no claustro doutoral, e de fazer o justo e circunstanciado elogio da sua obra.

Segundo o cerimonial que a tradição fixou para actos desta natureza é agora a altura de ser saudado o senhor embaixador Alberto Marciano Gorjão Franco Nogueira, patrono do doutorando.

Cabe-me a mim esse honroso encargo, e assumo-o muito gostosamente, sem qualquer constrangimento protocolar. É que conhecendo e admirando, desde há longos anos, o embaixador Franco Nogueira, não pode deixar de ser-me grata esta oportunidade de reconhecer públicamente os dotes invulgares da sua inteligência e do seu carácter, e o valor nacional da sua obra.

Recordo ainda hoje, com muita nitidez, as circunstâncias em que conheci o senhor embaixador. Era eu então seu colega no Ministério dos Negócios Estrangeiros e, embora no início da carreira, tinha já experiência bastante para avaliar, com alguma segurança, a qualidade, o nível e a competência profissional de quantos, na Secretaria de Estado, iam sucessivamente assumindo funções de chefia. Episòdicamente responsável pelo Serviço do Pacto do Atlântico, tive de levar a despacho do dr. Franco Nogueira, acabado de regressar a Lisboa, um daqueles inumeráveis pequenos grandes problemas urgentes que constituíam o dia-a-dia da burocracia diplomática, e a cuja solução, por não estarem pròpriamente em jogo sérios interesses nacionais, eram possíveis exercícios estilísticos e virtuosismos tanto no pendor de um serviço onde a função pública invade largas zonas da vida privada, e onde as características pessoais têm um imediato interesse profissional.

Então, como agora e como sempre, havia um conflito de gerações; os mais novos, muito embora afeiçoados ao ofício num aprendizado essencialmente prático em que a experiência e a autoridade dos mais velhos pontificavam, traziam consigo uma diversa sensibilidade axiológica, novas perspectivas sobre o teor das relações internacionais, e até uma forma nova de entender e exercer a acção diplomática.

Então, como agora e como sempre, esse conflito podia ser fecundo e era menos duro entre as figuras da primeira

grandeza do que entre os epígonos: só estes tocavam ou gostariam de tocar os extremos da tirania ou da contestação. E o dr. Franco Nogueira, que chegara a Lisboa precedido pela fama de ser um dos valores da nova geração, já tinha no ministério, compreensivelmente, os seus admiradores e os seus detractores. Foi assim, com imensa curiosidade, que me dirigi ao seu encontro, levando debaixo do braço, na pasta os assuntos pendentes, um problema suficientemente difícil para me dar a medida do seu talento. Não suspeitava S. Ex.^a do juiz exigente que se escondia no jovem secretário de Legação, circunspecto e atento, que lhe entrava pelo gabinete.

Com a cordialidade um tanto sumária de quem vê pela frente uma montanha de papéis a despachar, mas tendo, apesar de tudo, encontrado tempo para uma breve conversa de apresentação mútua, começou o dr. Franco Nogueira por me surpreender com a aparência e os modos de um puro portuguesismo. Se o não soubesse chegado de longa estada no estrangeiro, diria que nunca tinha saído do Ribatejo, onde nascera, salvo para frequentar o Chiado, ou seja, que era duplamente português, pela origem e pela formação cultural. Numa carreira onde é quase inevitável um certo cosmopolitismo de maneiras e de gostos, o caso era, na verdade, muito para admirar.

Denunciando uma forte personalidade, e uma ligação afectiva ao seu País, o fenómeno não era, todavia, vim depois a verificá-lo, inteiramente espontâneo — correspondia a uma atitude deliberada e objectiva de valorização das nossas coisas nacionais e era simultâneamente causa e efeito de um conhecimento sempre renovado e de uma continuada reflexão sobre as manifestações mais polivalentes da cultura portuguesa; o seu *Jornal de Crítica Literária* — obra notável que ficará, sem dúvida, na história da nossa crítica — recolhe trabalhos que datam, precisamente, desses primeiros anos que passou fora de Portugal.

O traço da personalidade do Senhor Embaixador que logo a seguir julgo ter apreendido, também ele diverso do que seria de esperar se atendêssemos à figura convencional do diplomata, era uma completa ausência de vocação his-

triónica, ou dramática: a expressão era simples, directa, lógica; fazia apelo ao senso comum, à isenção crítica, à boa fé; convidava a chamar as coisas pelos seus próprios nomes, e a pôr de lado fantasias, mitos, preconceitos. Adivinhou-se-lhe uma grande capacidade de reserva e de manobra, mas sempre dentro de um contexto em que as regras do jogo fossem perfeitamente estabelecidas: e, de todos estes matizes, aquele que desde o início mais se patenteou foi precisamente esta necessidade de trazer sempre à luz «os dados da questão».

Asisti, também, ao trabalho rápido de uma inteligência invulgarmente lúcida e eficaz; nenhuma complacência de tipo lúdico; nenhum exercício estilístico; nenhuma exibição de virtuosismo. O grande pequeno problema urgente que levava a despacho tinha sido visto à luz que lhe era própria e enquadrado da melhor maneira, dentro das linhas gerais de orientação aplicáveis. E eu saí do gabinete do dr. Franco Nogueira, não só com instruções precisas para dar andamento ao assunto mas seguro também de ter conhecido um homem superior e um diplomata perfeitamente adaptado ao novo estilo das relações internacionais. E, passando a incluir-me no número dos seus admiradores, desde logo lhe vaticinei a mais brilhante carreira.

O que veio a ser, poucos anos volvidos, a acção de S. Ex.^a como ministro dos Negócios Estrangeiros, sabem-no todos os portugueses atentos ao interesse nacional, e por ela lhe devem muita admiração e muito reconhecimento.

Actuando, com invulgar maestria, empenho e coragem, dentro das directrizes em boa hora traçadas por Salazar à nossa política externa, o dr. Franco Nogueira foi bastante mais do que um executante excepcional. (E, nesse domínio, todos sabemos que é particularmente difícil a execução de uma política subordinada, sem transigências, aos interesses da Nação). O dr. Franco Nogueira foi também, sem dúvida, o informador esclarecido e documentado; o estratega sagaz; o intérprete lúcido dos grandes condicionalismos e linhas de força da vida internacional, simultâneamente apoiado no conhecimento directo dos factos e em teorias explicativas dos mesmos por ele próprio elaboradas (recordemos os numerosos e importantes estudos que publicou: *A Luta pelo*

Oriente, As Nações Unidas e Portugal, Política Externa Portuguesa e Terceiro Mundo). Mas, ainda mais do que tudo isso, o dr. Franco Nogueira foi um valoroso companheiro na luta dura, longa, mas indispensável, pelo grande Portugal do futuro.

E para remate destas minhas palavras de saudação, que só se afastaram da solenidade protocolar que lhes seria própria para poderem ser mais expressivamente sinceras, direi apenas o seguinte: o País não é, infelizmente, tão rico de valores que possa dispensar do seu serviço aqueles que deram provas de grande capacidade: faço votos para que o dr. Franco Nogueira continue a dedicar por muitos anos o melhor da sua inteligência, da sua experiência, do seu patriotismo e da sua coragem à Nação que é de todos, a que todos pertencemos e que todos devemos engrandecer.

*DISCURSO DO DOUTOR AUGUSTO DE CASTRO SAMPAIO
CÔRTE-REAL NO ACTO DO SEU DOUTORAMENTO*

Magnífico Reitor

Sapientes Doutores e Mestres

Senhores Estudantes

Minhas Senhoras e meus Senhores:

Experimento neste momento uma das mais profundas emoções da minha vida, ao ser acolhido solenemente nesta sala, peregrina sede da cultura e do magistério, e depois de ter ouvido as palavras que me cobriram de louros, dos eminentes professores srs. doutor António Cruz, que me viu e engrandeceu com os olhos da amizade, e do sr. professor doutor Eduardo Soveral que tão generosamente se me referiu e ao meu eminente patrono que, com o prestígio da sua presença me acompanhou, o Dr. Franco Nogueira — e depois de receber das mãos de V. Ex.^a, Magnífico Reitor, as altas insígnias que me elevam até Vós, eminentes Mestres, e, simbòlicamente, me conferem a dignidade e os títulos universitários de que são a mais alta expressão.

Comovidamente aqui entrei. Comovidamente vos agradeço — a Vós Magnífico Reitor, portador de uma autoridade académica que completa e consagra os atributos pessoais que vos fizeram, de direito, *primus inter pares*, a Vós, veneráveis doutores, portadores da auréola do magistério desta Alta Universidade.

Embora sinceramente vos diga que me não sinto digno — «*non sum dignus*» — do prémio com que a vossa generosidade me distingue, nem das responsabilidades que ele faz pesar sobre os meus ombros, reconheço o estímulo e o exemplo que recebo. Estamos todos aqui. — Vós com a autoridade que da vossa missão irradia, eu com a humildade com que a aceito e recebo, em nome de um pensamento e de uma imposição de Cultura que lhe dão o significado que a minha personalidade e os meus títulos lhe não poderiam dar. A vossa benevolência atribui-me predicados de que me não sinto portador, a não ser na sincera boa vontade com que na minha vida quis sempre servir os luminosos desígnios do Espírito e as supremas verdades da Acção, de Ideal e de Pátria aqui invocados.

No momento em que mais sentimos que a vida nos foge, melhor sentimos as puras realidades que ela encerra — e o dever de as servir com modéstia e com fé. A Vida é essencialmente uma continuidade de que nós fazemos parte. As raízes humanas mergulham na Terra, a que pertencem. E assim, na imensa cadeia dos anos, nós não somos mais do que um elo e um prolongamento. Nenhuma geração foge à inexorável lei que estas verdades encerram e limitam. A existência é uma permanente construção, mesmo quando aparentemente destói.

Não há gerações de transição — porque todas as gerações são uma transição. Todos somos feitos de passado e de futuro. E o papel das Universidades é transmitir, recolher, afeiçoar, dar sentido e elevação à permanente herança que a marcha ininterrupta do Tempo nos lega — e fixar, em cada momento, aquela vitoriosa parte de perenidade espiritual que ela contém.

Cultura, disse um dia o humanista Herriot, é aquela parte que fica, quando tudo o que aprendemos se esqueceu. As Universidades são as detentoras e intérpretes dessa me-

mória latente e viva e têm a maternal e venerável função de lhe dar expressão e sentido. Assim, a missão das Universidades é simultâneamente conservadora e inovadora. Guarda e cria, depura e exalta, modela e modera a Tradição e inspira, em suas fecundas mãos, o Progresso.

Trago-lhes, senhores Professores e meus eminentes colegas, o culto, que sempre professei e que parece perder-se, do convívio das ideias e a aprendizagem, que sempre procurei, das límpidas expressões dessas ideias. Se é isso que premiais em mim, premiais a vossa própria Obra. Não são apenas, como se proclama erradamente por vezes, as ideias que se transformam e diluem em forma. Em Literatura, a Ideia cria a forma, mas a forma cria e modela também a Ideia. De todas estas realidades, Vós sois Mestres e eu sou discípulo. E' a um vosso discípulo que dais a honra excelsa de o receber hoje em festa. E é um vosso discípulo, discípulo do vosso espírito, da vossa esparsa obra e da exemplar dignidade nacional que ela representa, que se acolhe à vossa nobre sombra.

*DISCURSO DO DOUTOR AUGUSTO DE CASTRO SAMPAIO
CÔRTE-REAL NO JANTAR EM SUA HONRA OFERECIDO PELO REITOR DA UNIVERSIDADE*

Ao receber hoje, Magnífico Reitor, das mãos ilustres de V. Ex.^a, numa inolvidável cerimónia, as altas insígnias doutorais, e ao entrar nesta sala, onde, senhores Professores, meus Mestres e Colegas, nos reúne uma festa que coroa a desta tarde, duas impressões dominaram e dominam o meu espírito — gratidão pela honra recebida, pelas palavras que ouvi e pelo inolvidável esplendor com que foram generosamente dispensadas — e, simultâneamente, a da evocação do passado, do meu passado pessoal e de tudo quanto me cerca, que perante meus olhos deslumbrados se ergue e veio ao meu encontro.

Largas horas, longas e luminosas sombras, povoam esse trajecto de recordações e imagens. Aqui nasci, no coração

desta terra em cujo coração bate o coração de Portugal. Aqui volto agora, tão diferente do que parti e tão igual ao que fui. A vida é feita destas caminhadas e destes regressos. Aqui vejo ainda os que foram meus companheiros das primeiras jornadas. Aqui fiz o meu curso de Liceu e aqui teria feito o meu curso universitário de Direito se nessa altura, ele existisse nesta Universidade. Aqui dei os meus primeiros passos de advogado, ali em baixo, em S. João Novo, aqui, na Literatura e no Jornal, fiz as primeiras e incertas jornadas. Aqui me fiz o que sou. E reparo agora que esta Cidade andou sempre comigo, invisível e maternal.

O que importa sobretudo na vida, o que a marca para sempre, é muito mais do que o lugar, que pode ser determinado pelo acaso, em que se nasce, mas os primeiros horizontes que iluminaram a nossa inspiração, em que recebemos as primeiras lições da Vida, as primeiras lições do Tempo e do Espaço. São elas que nos habituarão ao Mundo.

As regiões montanhosas, aquelas em que a Natureza se criou nos cimos, nas paisagens alcandoradas, perto das torrentes e do céu, nos grandes cenários das serras e nas grandes orlas marítimas, educarão, desde a nascença, a nossa vida e a nossa imaginação na profundidade e na altura. São elas que formam os artistas. São as primeiras afinadoras da nossa Sensibilidade.

A planície ensina-nos a realidade, a exactidão, a calma. Desenvolve o sentido da medida, a perspectiva dos limites, eleva os olhos até à vastidão das coisas, habitua-nos à distância e à realidade. Vê a extensão como ela é. A montanha mostra-no-la como ela a cria. A montanha é uma inspiradora da fantasia. É dramática. A planície habitua-nos à terra. A montanha, à irrealidade e às nuvens.

O Porto criou-se na montanha e fez-se nas escaladas e nos precipícios do Douro. O génio europeu nasceu no Eufrates, no Nilo e no Tibre, o Tejo abriu o Mundo à Civilização Ocidental e criou o mundo moderno. As estradas da Civilização são os rios. O Tejo é rio de planícies, nasce nos estreitos da montanha, mas alarga-se em Portugal e acaba na planície em cujos braços morre. O Douro debate-se, desde que nasce, entre muralhas, cordilheiras e colinas que,

no seu percurso, ora moldam e comprimem a sua corrente, ora a exaltam e afogam.

Dessas oposições nasceu a alma do Porto. Tenaz, habituada a vencer rochas e fragas e a dominar alturas, como a força das águas do Douro, o Porto teve sempre no sangue o instinto da luta e da vitória. Ao lado dos seus homens de acção, agarrados às realidades e às actividades mercantis, que o fizeram e engrandeceram, o Porto conheceu e criou os seus homens de Sonho, os seus Artistas e os seus boémios. Adoptou-os sempre, honrou-os e serviu-os. E, assim, não só foi berço de Literatos e Artistas, mas soube amá-los e adoptá-los. Assim se explica que, com o clima e o contacto do seu labor persistente e da sua condição de gente caseira e de negócio, o Portuense tenha sempre dado asilo e alma às gerações de homens de Arte e de Letras, e tenha cultivado ao lado do génio que o fez um grande centro comercial e industrial, as flores e os seus jardineiros.

As grandes corrente de pensamento e de sentimento passaram por aqui, simultâneamente com os nobres idealismos da Liberdade e do Civismo. Se o Tejo foi a estrada marítima, a pátria da epopeia da expansão foi o Porto. Aqui nasceu o Infante D. Henrique. Foi no Porto que se criou e formou o primeiro cronista do Brasil, Pêro Vaz de Caminha. A projecção partiu de Lisboa. Mas a consciência atlântica nasceu no Porto. «Verdadeira república urbana, como as suas congéneres de França e da Itália, até meados do século XV, em nenhum outro ponto do País balouçaram mais naus e caravelas portuguesas», como escreveu Jaime Cortesão, que chamou ao Porto, numa expressão feliz, «burgo flúvio-marítimo». «O burgo escondia-se entre fragas como um ninho bárbaro», acrescenta o historiador.

Lisboa deu-nos o Mundo. Mas o Porto deu-nos Portugal. A Pátria de Portugal foi o Porto. Se no Porto não nasceram, no Porto se formaram as maiores figuras do pensamento português. As grandes gerações literárias vieram daqui ou se criaram e formaram aqui. O Porto de Fernão Lopes, o Porto fortaleza do Reino, heróico, onde se forja a nacionalidade, é o mesmo Porto do Mindelo e das lutas liberais, o Porto *tripeiro* que fez desse título histórico um brasão

de nobreza. O Porto de Garrett e do *Arco de Sant'Ana*, o Porto de Camilo que o grande romancista scandalizou e adoptou, com um amor lírico e agreste, e simultâneamente indulgente e literário, o Porto de Ramalho, o Porto de Júlio Dinis e de Oliveira Martins, o Porto que Teixeira Gomes definiu, não como uma cidade, mas como uma família, onde «quando algum mal a acomete, todos o sentem com a mesma intensidade; quando deseja alguma coisa, todos a desejam ao mesmo tempo». Essa tradição familiar ainda hoje domina a tradição e o génio da cidade. Há o Porto de Sampaio Bruno, que eu conheci, e nunca conheci melhor figura de Portuense da gema que a desse erudito que pontificava Literatura numa padaria, cultivando ideias e pão trigo com a mesma bonomia austera e «pé fresco». Há o Porto que foi sempre, ao mesmo tempo, baluarte do civismo e o primeiro centro de comércio, oficina industrial e berço de homens de Arte, por onde passaram e onde cresceram todas as escolas e gerações literárias de Portugal.

Todas estas realidades e imagens, que resumem e ilustram a vida portuguesa desde que Portugal nestas colinas banhadas pelo Douro se fez homem e se fez grande e se fez Pátria, vieram, através do Tempo, ao meu encontro, sombras da minha vida, sombras de que nasci e que sempre me acompanharam. De muitas delas, das melhores e das mais altas, Vós sois a viva representação. A vida das Universidades Portuguesas está ligada profundamente e indissolúvelmente à história da Cultura em Portugal. As Universidades são na Europa, através da sua multiplicação e expansão, não apenas núcleos superiores de ensino, mas centros da sua irradiação. Não é possível fazer a história das ideias democráticas sem a ligar à marcha e à evolução do espírito universitário. As Universidades são as primeiras janelas da Europa. A unidade da civilização, o universalismo ocidental da sua estrutura têm a sua primeira instituição e os seus primeiros pergaminhos nas velhas Universidades. O Infante D. Henrique arvora-se em defensor e protector da Universidade de Portugal e chama-lhe a *Universidade das Escolas do meu estudo*.

Pensei nisso ao entrar hoje, por vossa grande indulgência, nesta Universidade e ao reconhecer a honra imensa que isso para mim representa. Houve sempre, desde os primeiros alvares da Nacionalidade, uma cultura portuense. Houve sempre um pensamento portuense na vida e na palpação do pensamento português. Pode dizer-se que a Universidade do Porto já existia, histórica e espiritualmente, antes da sua criação e autonomia legais.

Ao saudar-vos e ao agradecer-vos a honra e os altos títulos que esta tarde a vossa nobre generosidade me quis dar, sentando-me ao vosso lado e sentando-me esta noite à vossa mesa, eu penso nisso com acanhamento e com escrúpulo. E vos agradeço. Ao Magnífico Reitor quero mais uma vez expressar a minha infinita gratidão pelo seu convite, pelas palavras generosas que lhe ouvi a meu respeito, pela alta distinção que me conferiu. A todos os eminentes professores eu, reconhecido, quero dizer que a Deus peço que me dê ainda vida bastante para poder mostrar-lhes que procurarei ser digno dos títulos que a vossa bondade me conferiu. E devo uma palavra de sincero affecto ao meu querido companheiro nesta cerimónia que com o seu prestígio quis associar ao meu o seu grande nome nacional, o Dr. Franco Nogueira.

Vou deixar-vos dentro de algumas horas. Levarei ao partir, no coração e nos olhos, novas imagens. Nunca aqui vim que as não colhesse, rejuvenescido. Nos primeiros anos que aqui vivi e que foram os primeiros anos da minha vida, recordo-me de que, às tardes, íamos a pé dar largos passeios pelas ribas e pelas encostas do Douro, onde o Porto, entre penhascos, nasce em procura do mar que o espera. Aí aprendi as primeiras virtudes que conheci da cidade e da sua alma que se forjou entre rochas, o ar rude da serra e o grande cântico de espuma e vento com que o mar a recebe nos braços de Leixões e de Leça. Esse foi sempre o segredo do burgo, que viveu e se uniu entre duas muralhas — a das encostas bravas do rio e a fortaleza das ondas fortes da barra. Assim, nesse contraste de Natureza, se fez para a vida da praça forte que sempre foi e se lhe formou o carácter, que nunca perdeu, de cidade de mon-

tanha e de cidade do mar. O rio ensinou-lhe a grandeza, a fluidez e a força. O mar ensinou-lhe a distância, a resistência e o amor luminoso do Espaço. Ambos lhe deram a esplêndida independência e o feroz culto dos sentimentos que o fizeram grande.

Não se conhece o Porto sem conhecer esses dois pólos da sua grandeza e sem deles receber a rude lição. Foi nesses passeios da Juventude, batidos pela aragem e pelo sol e pelas nuvens, que pude, de instinto, adivinhar, e depois conhecer, pelo mistério e pela persistência da lembrança, a força e a razão que coroaram, na História, o teu destino, ó Porto, que eu amei com um amor de berço e a sã admiração que nunca perdi pela cidade que Teixeira Gomes considerava a mais pitoresca cidade do Mundo, Cidade feita de mil facetas, com o seu singular espírito ilhéu, cercada de montanhas e de mar que a criaram serrana e marinha, hospitaleira, amando a liberdade como o pão de cada dia e a independência como o sal da vida. Nenhum sentimento nacional passou ainda por Portugal que não nascesse, não palpitasse, não sofresse luta ou glória, nesta terra, em cujas veias corre o mais puro sangue da Nação. Porto da minha Infância, o que tu premeias hoje em mim são as virtudes que me deste!